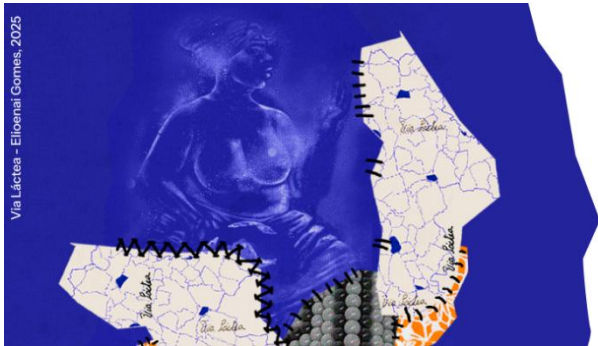




ESSE CORPO-RIO É MINHA RUA: UMA EXPERIÊNCIA SOMÁTICA A PARTIR DAS INFÂNCIAS QUE BANHAM NAS ÁGUAS AMAZÔNICAS

Nanssy Thamyres Pinto Brandão¹ – UFPA

INTRODUÇÃO:

Os processos de ensino-aprendizagem, antes de tudo, iniciam no corpo compreendido enquanto território vivo de memórias, saberes e experiências subjetivas e/ou coletivas que o atravessam e são atravessadas por ele, ampliando os sentidos de pertencimento de si e dos espaços.

Esta experiência somática se dá através de um processo de criação, nas aulas de artes, sobre rios, igarapés e gente pequenina que se confluencia e fala sobre suas identidades e infâncias através de uma diversidade de corpo-maré nas turmas de 3º ano do ensino fundamental, tendo como lócus a Escola Municipal de Ensino Fundamental AMMA, localizada no município de Ananindeua, no Estado do Pará.

Somos corpos amazônicos, cercados e banhados por águas que nos acolhem, nos reconhecem, contam histórias — nossas histórias — e nos presenteiam com memórias afetivas que são inscritas no tempo. Aqui, os rios guardam e fortalecem as infâncias e, nesse sentido, essa proposta metodológica teve o objetivo de possibilitar que as crianças percebam seus corpos como uma extensão da nossa natureza, estabelecendo uma conexão sensível com o nosso território, fortalecendo os sentimentos de pertencimento e valorização dessas nossas águas que representam memórias, vivências e fazem parte dos nossos modos de existir.

A dança somática emerge de movimentos subjetivos através de uma escuta sensível do próprio corpo. Os movimentos acontecem diante das percepções que cada indivíduo tem das suas relações com o mundo, seus repertórios e experiências

¹ Arte-educadora e mestranda em Artes pelo ProfArtes na UFPA, pós-graduada em Arte-Educação e graduada em Licenciatura em Dança. *E-mail:* nanssy.brandao@semedanaindeua.pa.gov.br.



sociais. Dessa forma, como nos afirma Caron (2021, p.35) “não há corpo sem história, porque não há história sem corpo”. Para Rufino (2021, p.17)

Somos seres de experiência. Tudo o que se passa na vida nos atravessa, nos altera e faz com que cada um de nós seja único, mas habitado por muitos — e nessa multidão singular tecemos uma rede infinita de aprendizagens.

Dessa forma, compreendendo o corpo enquanto experiência, levei para as crianças a proposta de um corpo-rio, corpo-maré, corpo-igarapé, a partir da qual elas mergulhariam de forma lúdica e sensível em suas próprias narrativas que fortalecem suas relações com essas vivências nas águas amazônicas.

No primeiro momento, solicitei que os alunos e alunas se posicionassem nos espaços da sala da maneira que se sentissem mais confortáveis. Assim que eles encontraram seus lugares e posições, pedi para que fechassem os olhos e escutassem os sons direcionados à eles e percebessem de que forma isso ecoava em seus corpos.

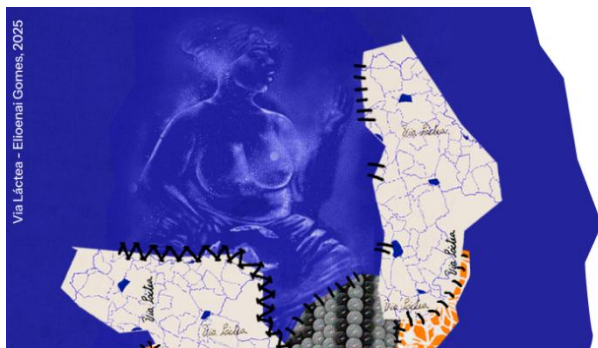
Utilizei, em minha pequena caixa de som, um fundo musical com sons da natureza, mais especificamente de águas. Através dessa trilha sonora, estimulei suas imaginações e criatividade dizendo que a partir daquele momento eles não estavam mais na sala de aula, estavam cercados de natureza e águas doces, e que seus corpos se movimentariam dialogando com as qualidades dessas águas — suas correntezas, marés, ondulações e turbilhões.

Já com os olhos abertos, orientei que eles e elas poderiam investigar e explorar essas movimentações a partir de algumas questões: Como você seria se fosse um rio ou igarapé? Que águas eram essas? Para onde vão? Estão tranquilas ou agitadas? Qual sua temperatura?

Imagem 1: Investigação de movimentos.



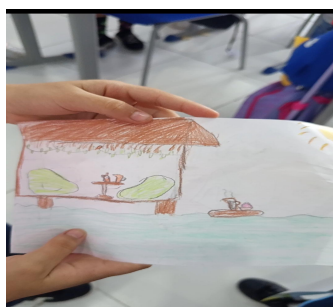
Fonte: Autora



Durante a prática, ressaltei a importância de perceber a própria respiração, o ritmo, a fluidez e continuar presentes, isto é, não deixar os pensamentos fugirem para longe dali. Observei que havia uma certa timidez nos primeiros movimentos, mas depois de um tempo de escuta, eles apareciam com maior fluidez, daí “fui relacionando aquela vivência com tantas outras em criação em arte. O olhar acolhedor e de encorajamento é fundamental para permitir que a experiência da vida de fato aconteça e, assim, a construção de autonomia se dê”. (Caron, 2021. p.20)

Após a imersão corporal, entreguei para cada criança uma folha de papel em branco e os direcionei para a realização de um desenho deste rio que foi investigado no próprio corpo, resgatando a memória das características e qualidades dessa água, assim como suas afetividades a partir dos banhos amazônicos. Os resultados foram desenhos muito subjetivos, mas repletos de memória afetiva e senso de pertencimento, alguns resgatando momentos coletivos com os familiares e pessoas queridas, acolhendo identidades e pulsando existências.

Imagem 2: Desenho de um rio



Fonte: Autora

Depois que todos e todas finalizaram seus desenhos, ao som de “Esse rio é minha rua” na voz da artista paraense Fafá de Belém, fizemos uma travessia de rios. Cada criança passava em um corredor com seus desenhos fazendo seus movimentos de marés, cada um submerso e transbordando suas próprias escutas corporais. Neste momento, no ritmo do carimbó, a sala de aula ficou pequena para

tantas formas de celebrar e reconhecer nosso corpo enquanto território e, para finalizar, os estudantes compartilham seus desenhos uns com os outros, ampliando seus saberes individuais para o coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As infâncias paraenses, nortistas e amazônicas refletem em suas corporeidades os vínculos com nossas águas, e trazem em seus jeitos de corpo experiências que emergem das suas intimidades com essas marés. Convidá-los à trazer essas relações para as nossas aulas de artes foi como mergulhar junto, não era mais eu-professora, eles-alunos e os rios, tudo era um só, que desaguou, transbordou e transfluuiu para um processo de ensino-aprendizagem lúdico que reconhece as potencialidades das crianças brincantes que vivem em comunidade e, por isso, tecem partilhas.

Nesta experiência possibilitamos, através da integralização do corpo e suas relações com o meio, uma consciência corporal somática na qual os movimentos deram voz às relações das crianças com as águas amazônicas, trazendo sentidos de pertencimento e identidades a partir do nosso território cercado por rios e marés.

Observei o quanto essa experiência ampliou os espaços criativos, imaginativos e expressivos, permitindo que, através dos movimentos e gestos subjetivos, cada criança apresentasse, em seus corpos, narrativas e vivências que mergulham em nossas correntezas.

Em um território, ainda subjugado e subtraído diante das outras regiões do país, é sempre fundamental fortalecer os sentimentos de enraizamento e enlace com o chão que nos acolhe. Não basta apenas habitar por habitar, banhar-se por banhar-se, é necessário pertencer e compreender que nossas jornadas são nossas travessias, nossos mergulhos e como, enquanto corpos amazônicos, nos relacionamos com este espaço e construímos vínculos desde a infância.

REFERÊNCIAS:

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

BOLSANELLO, Débora. **Educação Somática: O corpo enquanto experiência**. Université du Québec à Montreal- Canada, 2005.

CARON, Marina. **Corpo, transborda: Educação somática, consciência corporal e expressividade**/ Marina Caron; [ilustração Macê Stevaux]; [revisão técnica e prefácio André Trindade]. - 1. ed. - São Paulo: Summus, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla.- 2.ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/4013>

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da técnica Klauss Vianna**./Jussara Miller.- 2.ed.- São Paulo: Summus, 2007.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**/ Luiz Rufino.- 1.ed.- Rio de Janeiro: Morula, 2021.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cadernos Cedes, ano XXI, no 53, abril/2001.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 5.ed.- São Paulo: Summus, 2008.